

Uso e Apropriação do Parque Flamboyant Lourival Lousa na cidade de Goiânia- GO

Use and Appropriation of Lourival Lousa Flamboyant Park in the City of Goiânia, Goiás

Ana Luisa Martins Mota, Graduada em Arquitetura e Urbanismo/UEG/CET, analisa.mmota@aluno.ueg.br

Bruno Bomfim Moreno, Doutor em Geografia/CET/UEG, bruno.moreno@ueg.br

Resumo: Os parques urbanos são espaços fundamentais para o lazer, a sociabilidade e a melhoria da qualidade de vida nas cidades. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar o uso e a apropriação do espaço público urbano, tendo como estudo de caso o Parque Flamboyant Lourival Louza, situado no bairro Jardim Goiás, em Goiânia, Goiás, Brasil. Após sua implantação, o parque passou a representar uma alternativa relevante de lazer para a população, uma vez que atrai usuários de diversos bairros não só da cidade de Goiânia como, também, da aglomeração metropolitana. Para a realização da análise, foram investigadas as principais características do parque como, por exemplo, sua localização e configuração espacial. Além disso, foi dado relevo para o perfil dos usuários, a percepção deles sobre o parque bem como a frequência de uso, dias da semana que visita e horários de permanência. A metodologia incluiu revisão bibliográfica e pesquisa de campo, compreendendo: aplicação de questionários com os frequentadores, observação comportamental e registro fotográfico com o intuito de compreender as dinâmicas de uso e apropriação do espaço pelos usuários. Os resultados contribuem para a reflexão sobre o papel dos parques urbanos na estruturação da vida cotidiana e nas práticas espaciais em contextos metropolitanos.

Palavras-chave: Uso, apropriação, lazer e parque.

Abstract:

Urban parks are fundamental spaces for leisure, sociability, and the improvement of quality of life in cities. This study aims to analyze the use and appropriation of urban public space, focusing on the Flamboyant Lourival Louza Park, located in the Jardim Goiás neighborhood in Goiânia, Goiás, Brazil. After its establishment, the park came to represent a significant leisure alternative for the population of the metropolitan region. To carry out the analysis, the main characteristics of the park were investigated, such as its development, location, spatial configuration, content, as well as the users' perceptions and profiles, taking into account the days of the week and times of attendance. The methodology included field research, interviews with visitors, and behavioral observation, allowing for an understanding of the dynamics of use and appropriation of the space by its users. The results contribute to a reflection on the role of urban parks in structuring daily life and spatial practices in metropolitan contexts.

Keywords: Use, appropriation, leisure and park.

INTRODUÇÃO

Goiânia nasce como uma cidade planejada tendo como objetivo trazer qualidade de vida para os futuros cidadãos. Já previa pelo seu primeiro autor, Atílio Corrêa Lima, a reserva de espaços livres para a criação de parques urbanos (Ribeiro, 2004). A cidade, no entanto, cresceu para além do que se planejou inicialmente, e o poder público local foi deixando de ter o controle sobre a sua extensão territorial, bem como sobre a distribuição mais equalitária de parques e áreas públicas no território.

Na esteira desse crescimento, na década de 1950, foi realizado o parcelamento do que veio a ser denominado de bairro Jardim Goiás (Figura 1). O loteamento, conforme Prado (2011), teve sua ocupação em ritmo lento, mesmo com a implantação do Paço Municipal e do Shopping Flamboyant em área próxima.



Figura 1 - Imagem aérea do Parque Municipal Flamboyant Lourival Louza em 1991.

Fonte: SEPLAN, 1991.

O Parque Flamboyant foi implantado no ano de 2007, na área ocupada pela antiga sede do Automóvel Clube de Goiás, em um terreno de aproximadamente 125.572,71 m² (Figura 2).

O projeto do parque, por sua vez, foi desenvolvido pela Secretaria Municipal de Planejamento e Urbanismo Estratégico (SEPLAN), e teve como autores: Projeto Arquitetônico: Celina Fernandes Almeida Manso, Arquiteta e Urbanista; Márcia Araújo, Arquiteta e Urbanista; Karla Batista Amaral do Prado, Arquiteta e Urbanista; Maria Amélia Pereira de Amorim, Arquiteta e Urbanista; Yara Emy Tanimitsu Hasegawa, Arquiteta e Urbanista; Projeto Estrutural: Antônio Paulo Mendes, Engenheiro Civil; Projeto Hidrossanitário: Carolina Gontijo Guimarães, Arquiteta e Urbanista; Projeto Elétrico: Fernando Melo Franco, Engenheiro Eletricista; Recomposição Florística: Antônio Esteves dos Reis, Engenheiro Florestal; Responsável técnica: Elza de Rezende Mota Passos, Engenheira Civil.

O Programa de Manejo do Parque Flamboyant foi concebido juntamente com o projeto, em tese, para promover a educação ambiental, garantindo função socioambiental do parque por meio de programas educativos. Além disso, visava o monitoramento ambiental e a proteção das biocenoses da unidade (CREA Goiás 2007). Ainda de acordo com o Plano de Manejo, o parque foi segmentado em quatro zonas: Zona de Uso Intensivo, Zona de Uso Restrito, Zona de Recuperação e Zona de Preservação Integral.

Diante dessa perspectiva, a escolha do parque Flamboyant como objeto de estudo se justifica não apenas pela escassez de pesquisas a partir da abordagem do uso e da apropriação, mas também como uma oportunidade para compreender e analisar o uso do espaço público e as práticas espaciais de seus frequentadores.

O projeto do Parque Flamboyant, além das delimitações em área de preservação ambiental e recomposição da Unidade de Conservação Ambiental, incorporou infraestrutura de lazer, seja ativo ou contemplativo, do qual destacam-se os lagos que cumprem um papel importante na conformação daquela paisagem.

Considerando esses elementos colocados, este trabalho apresenta resultados parciais acerca da análise do uso e da apropriação do Parque Flamboyant Lourival Louza. O uso aqui é tomado como prática espacial, ou seja, trata-se de uma abordagem que dá ênfase às práticas sociais, que dão vida e sentido aos lugares. Os resultados aqui apresentados são fruto de discussões e debates acerca da produção de parques em Goiânia-GO, da revisão de material bibliográfico e documental acerca do processo de implantação desse parque e, por fim, do trabalho de campo realizado entre setembro de 2024 e março de 2025.

Assim, espera-se que esta pesquisa colabore para o entendimento sobre uso e apropriação do Parque Flamboyant, através da análise das práticas espaciais dos sujeitos que frequentam esse equipamento urbano.

PROCEDIMENTOS DE TRABALHO

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram adotados diferentes procedimentos metodológicos, incluindo revisão bibliográfica, levantamento e análise documental, além de pesquisa de campo.

A revisão bibliográfica concentrou-se nas categorias de uso e apropriação do espaço, bem como a respeito do Parque Flamboyant, tomando como base teses, dissertações e artigos acadêmicos, como os de Achcar (2008), Lautert e Pippi (2020), Oliveira (2011) e Prado (2012). A pesquisa documental envolveu a análise de mapas, legislações, decretos e o plano de manejo, a partir de consultas realizadas na Agência Municipal do Meio Ambiente (AMMA), na Secretaria do Planejamento

Municipal (SEPLAM) e no Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Goiás (CREA-GO).

A pesquisa de campo ocorreu entre setembro de 2024 e março de 2025 e foi estruturada em diversas etapas. Inicialmente, foram realizadas conversas informais com funcionários e frequentadores do parque, seguidas de observações diretas e registros fotográficos, seguindo o procedimento metodológico utilizado por Lautert e Pippi (2020). Essa é uma tentativa de se aproximar daquilo que Magnani (2002) chamou de abordagem de pesquisa “de perto e de dentro”, afastando-se de leituras que tratam a cidade como uma entidade à parte de seus moradores.

Ainda se encontra em andamento a aplicação de questionários com os usuários do parque. O questionário, que tem como referencial questões elaboradas pelo grupo responsável pela pesquisa Fragurb (Fragmentação socioespacial e urbanização contemporânea: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos), tem por objetivo identificar a diversidade de perfis de usuários e as práticas que eles desempenham no espaço público objeto desta pesquisa. Até o momento, foram aplicados 17 questionários, em diferentes dias e horários, visando abranger um perfil diversificado de frequentadores. O questionário, composto por perguntas abertas e fechadas, permitirá, ao final da pesquisa, uma análise quali-quantitativa das respostas.

RESULTADOS

Conforme Borges (2017, p. 199), a paisagem no entorno do Parque Flamboyant passou por uma transformação acelerada, como ilustrado na Imagem 2. A partir de 2015, como pode ser observado, a volta do parque foi completamente ocupada por torres residenciais. Em suas imediações, a partir de visitas feitas ao local encontram-se edifícios de alto padrão, atraindo segmentos de maior renda devido à i) inserção urbana em uma das áreas centrais mais elitizada de Goiânia; ii) localização privilegiada, que possibilita o uso do parque como uma extensão da moradia, além da vista bucólica que se tem a partir dos imóveis.



Figura 2 – Ocupação do entorno do Parque Flamboyant em 2008 e 2013

Fonte: Google Earth, imagens de outubro de 2008 e setembro de 2013; Borges (2017) e Diniz (2023)
Elaboração: Autores, 2025.

Com o tempo, segundo Prado, 2011 o bairro Jardim Goiás passou a exercer centralidade urbana metropolitana, concentrando o fluxo de pessoas de diversos bairros da capital e da Região Metropolitana de Goiânia (RMG), principalmente pela atração das atividades de comércio e serviços que lá estão localizadas. Desta forma, o parque se somou como um reforço da centralidade daquela localização criada, que é conformada por um *shopping center*, hipermercados, centro cultural e outras atividades que atendem de forma mais exclusiva aos segmentos de maior renda.

Com isso, o parque tornou-se um destino frequente para o lazer da população da aglomeração metropolitana, ampliando seu uso para além dos moradores do entorno imediato.

Outrossim, através das pesquisas de campo, feitas entre os meses de setembro de 2024 a março de 2025, e das entrevistas e questionários feitos, é possível compreender que a relação dos sujeitos sociais com o parque Flamboyant acontece de diferentes formas, uma vez que essas pessoas possuem trajetórias diversas durante o dia a dia.

Em relação a expansão imobiliária, pode-se dizer que foi a partir da implantação do parque que houve um aumento na construção de prédios de alto padrão na área, o que leva ao uso do parque por esses moradores das torres da vizinhança em horários e dias da semana de forma mais delineada. Em dias úteis, por exemplo, é possível ver uma concentração de moradores utilizando a pista de caminhada ou fazendo algum exercício físico. (Imagem 3).



Imagem 3 – Usuários utilizando a pista de caminhada e praticando exercício físico
Fotografias da autora (2025).

Nos dias úteis, notou-se uma maior concentração de pessoas no início da manhã e no final da tarde. Em relação aos fins de semana e feriados, pode-se dizer que os usuários são de diversos bairros, da capital ou de outras cidades. Arelado ao aumento do número de pessoas usando o parque, há a presença de vendedores

ambulantes (Imagem 4), vendendo principalmente itens alimentícios.



Imagem 4 – Vendedores ambulantes no parque.
 Fotografias da autora (2025).

Quanto ao perfil dos entrevistados, observa-se uma grande diversidade, com variações conforme o dia e horário da visita. O público inclui diferentes faixas etárias (Gráfico 1), gêneros — com leve predominância feminina (55% mulheres e 45% homens) —, além de distintos segmentos sociais, níveis de escolaridade, faixas de renda, formas de deslocamento e bairros de residência.

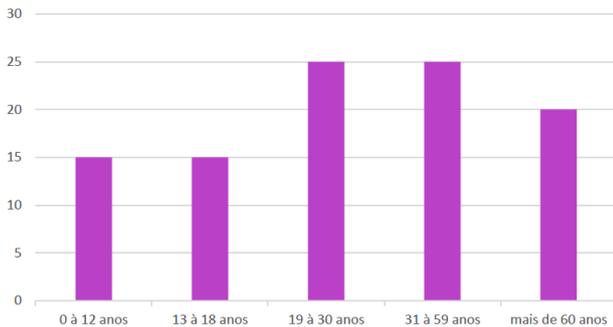


Gráfico 1 – Faixa etária dos usuários.

Fonte: levantamento de campo realizado entre janeiro e março de 2025.

Em relação ao local de moradia, os entrevistados vêm de várias partes da região metropolitana, indicando um alcance territorial amplo (Gráfico 2) e, confirmando, o papel desempenhado pelo parque. Apesar de não ter em seu programa elementos que o torna singular no conjunto de parques de Goiânia, a centralidade exercida pelo bairro faz desse equipamento um lugar que concentra pessoas.

Isso reforça, por exemplo, alguns dos preceitos colocados por Jacobs (2001) acerca do que hoje se chama de vitalidade de parques e praças, especialmente aquele que se refere à complexidade espacial que pode ser atribuída ao bairro. Ainda que haja o predomínio do uso habitacional nas torres lindeiras ao parque, é inegável que haja no bairro uma diversidade de usos e uma elevada densidade demográfica em comparação ao conjunto urbano.



Gráfico 2 – Distância da moradia do usuário até o parque
 Fonte: levantamento de campo realizado entre janeiro e março de 2025.

Quanto ao meio de transporte utilizado para chegar ao parque, a maioria declarou utilizar automóvel (40%). Em seguida, destacam-se os visitantes que foram a pé (40 %) — em sua maioria moradores da região — e aqueles que usaram transporte público ou outros meios (20%).

Já em relação à renda, foi reduzida a participação de pessoas que recebem até dois salários mínimos – Gráfico 3. Por outro lado, foi significativa a participação de quem recebe acima de dez salários mínimos. Essa informação não tem a finalidade de fechar um perfil de usuário do parque, mas retrata, a partir dos horários e dias em que foram realizados os levantamentos, um corte da realidade.



Gráfico 3 – Renda dos usuários do parque de acordo com os entrevistados

Fonte: levantamento de campo realizado entre janeiro e março de 2025.

Sobre a frequência de uso dos participantes do questionário, nota-se que aos moradores próximos ao parque tem uma frequência de uso elevada, principalmente nos dias úteis, no início da manhã e ao fim da tarde (Gráfico 4).

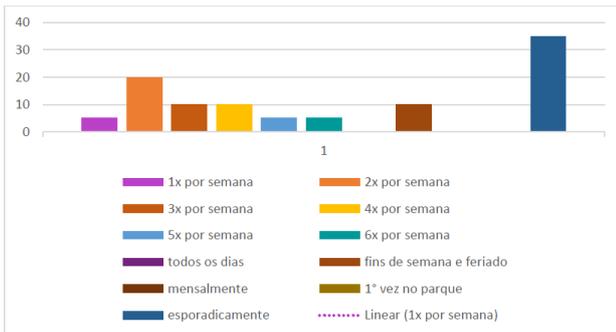


Gráfico 4 – Frequência dos usuários entrevistados no parque

Fonte: levantamento de campo realizado entre janeiro e março de 2025.

Já os usuários de lugares mais distantes, vão com uma frequência menor ao parque, costumam ir principalmente aos fins de semana. Costumam usar o parque em dias úteis também, os trabalhadores que desempenham alguma atividade remunerada na vizinhança, que acabam por usar o parque no intervalo de almoço nos dias úteis (Imagem 5).

O parque é local de descanso para essas pessoas, mas também local de trabalho e sustento para aqueles que, principalmente, aos fins de semana, vendem produtos para os demais frequentadores. Há, nesse sentido, uma dupla acepção para o trabalhador no parque: o descanso e o labor.

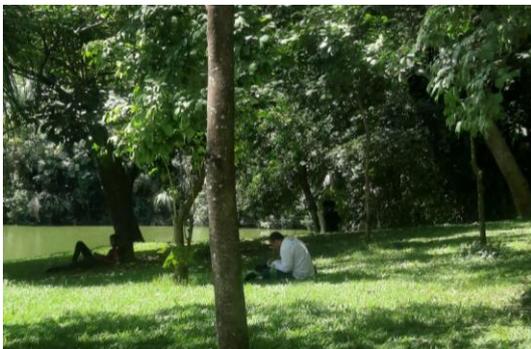


Imagem 5 – Trabalhador almoçando no parque. Fotografias da autora (2025).

Em relação às atividades de lazer (ativo e passivo) no parque, ao observar o uso das pessoas, percebeu-se que elas são bastante diversas. Pode-se identificar caminhadas, piqueniques, ciclismo, encontro de pessoas e ou grupos, patinação, crianças no parquinho infantil, yoga, ginástica, exercício físico (funcional), apresentações culturais (musicais, teatro, religiosas), pessoas passeando com seus cachorros, pessoas descansando ou realizando leitura, sessões de fotografias (noivados, aniversários, pedido de namoro), pessoas andando de bicicleta, entre outros (ver Imagens de 6 a 8).



Imagem 6 – Crianças brincando no parquinho. Fonte: A Redação 06/08/2012



Imagem 7 – Aula gratuita de Yoga. Fonte: Maha Karma Yoga Goiânia (2024)

A imagem 19 traz uma comemoração, algo que tem se tornando muito comum nos parques em Goiânia. Os eventos como, por exemplo, chá revelação (celebração da descoberta do sexo do bebê) e aniversários (principalmente de crianças) têm sido comuns nos parques. Conforme Lima (2021), eventos familiares têm ocorrido com mais frequência nos parques da cidade de Goiânia, conforme exemplifica a Imagem 20.

Segundo uma interlocutora da repórter, mesmo com a possibilidade de realização de eventos em locais para essa finalidade, as famílias têm preferido ir para os parques porque, dentre outros motivos, não há custo com aluguel.

Além desse uso, os parques também são cenário para ensaios fotográficos de noivos, grávidas, crianças, famílias dentre outros – ver Imagem 21.



Imagem 8 – Noivos fazem ensaio fotográfico no parque Flamboyant em estação seca
 Fonte: A Redação, 06/08/2012

É algo tão reproduzido que o Parque Flamboyant, por exemplo, aparece em rankings sobre locais públicos para ensaios fotográficos, como pode ser observado a partir desta descrição:

O Parque Flamboyant é um verdadeiro tesouro para os amantes da natureza em meio a cidade. Com seu deck de madeira, construções rústicas e um lago deslumbrante, este parque oferece uma mistura perfeita entre elementos urbanos e naturais. As cores vibrantes das flores e a riqueza da vegetação proporcionam um cenário idílico para fotos espontâneas e criativas¹.

Por fim, cabe dizer que as atividades mais praticadas pelos usuários entrevistados são contemplação/relaxar, praticar exercícios, caminhada/corrida e encontro com pessoas. (Gráfico 4).

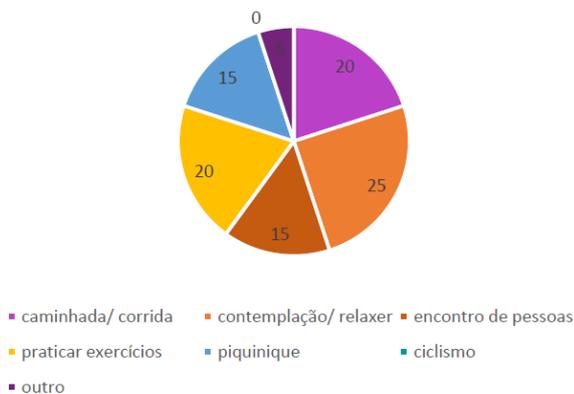


Gráfico 5 – Principais atividades praticadas pelos usuários

Fonte: levantamento de campo realizado entre janeiro e março de 2025.

Durante as observações em múltiplos dias da semana e em diversos horários, não foi constatada a presença de pessoas em situação de rua ou que possam ter o parque como local de pernoite, sobretudo porque uma de suas características é o não cercamento. O fato

de não ser delimitado por grades é uma característica não só do Flamboyant, mas também de outros parques da cidade, que não cerceiam o acesso a esses espaços públicos.

Se mesmo com o acesso garantido se verifica a ausência de pessoas em situação de rua, esse fato acende alguns alertas sobre a possível atuação de agentes privados na expulsão dessas pessoas em situação de vulnerabilidade. Questões que ainda carecem de checagem *in loco* e mais estudos.

DISCUSSÃO

Considerando que, para De Certeau (2012), “o espaço é um lugar praticado”, esta pesquisa busca se alinhar à perspectiva proposta por Magnani (2012, p. 18) para a pesquisa etnográfica:

um investimento em ambos os pólos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise.

Diante dessa determinação, optou-se por abordar o uso e a apropriação do Parque Flamboyant com base nas formulações de Lefebvre (2001, 2013). Tais categorias se manifestam por meio das práticas espaciais, que podem estar imersas em lógicas de alienação e dominação, orientadas pelo valor de troca, ou, ao contrário, carregadas de potência política e transformadora — como propõe Seabra (1996) ao falar na “insurreição do uso”.

A partir dos resultados parciais, observou-se a apropriação privada, pelo capital imobiliário, de uma obra coletiva — o parque. Embora os discursos ambientais e de lazer tenham servido de justificativa para sua implantação em uma área *non aedificandi*, as transformações perceptíveis na paisagem revelam que esse espaço público foi instrumentalizado como estratégia de extração de renda diferencial, contribuindo para a valorização dos imóveis em seu entorno – estratégia já discutida por Corrêa (1989) e Smolka (1987).

Apesar de direcionado a um público mais exclusivo, o parque apresenta um uso diversificado, como demonstram os gráficos da pesquisa. Ainda que cercado por edifícios de alto padrão, funciona como um espaço de lazer acessível, frequentado para atividades físicas, descanso durante o horário de almoço e encontros familiares nos fins de semana.

¹ Disponível em <https://djalmacosta.alboompro.com/post/luz-camera-e-goiania-lugares-para-fazer-belas-fotos-na-capital>. Acesso em abril de 2025.

Trata-se de um espaço que promove encontros entre indivíduos de diferentes faixas etárias, segmentos de renda, escolaridade e origens diversas, exercendo seu direito ao lazer e à convivência. O Parque Flamboyant, portanto, assume o papel de equipamento público de abrangência regional, atraindo usuários de várias regiões em busca de atividades gratuitas e de qualidade.

As comemorações familiares, especialmente, reivindicam o espaço público como lugar da festa, subvertendo a lógica do controle, da dominação e do consumo privados. Assim, embora haja apropriação privada do parque por agentes hegemônicos, sua pluralidade de usos tensiona a lógica imposta pelo capital imobiliário.

As práticas espaciais observadas revelam tanto os usos esperados em um parque quanto apropriações que escapam ao seu programa formal. As festas, nesse sentido, reconfiguram os limites entre o público e o privado na vida cotidiana, levando a celebração, antes restrita ao espaço doméstico, para o espaço comum. Mesmo que os “penetras” não sejam convidados, o fato de se tratar de um espaço público impede que barreiras sejam impostas à presença de desconhecidos.

Sobre o seu público, é válido considerar que a diversidade constatada tem relação com os dias da semana e horários que se observa os usos no parque. Ou seja, público menos diverso em dias úteis e em horário comercial; e mais diverso em dias não úteis. A distância, embora seja um fator limitador para os que vivem longe, não afeta os moradores do entorno imediato, que podem pagar para residir naquela localização e que têm o parque como extensão de suas habitações.

A presença do trabalhador no parque, por sua vez, subverte a lógica do descanso em dia não útil. Para aqueles que desempenham atividades remuneradas na vizinhança em dias úteis, o parque é local de descanso em horário de almoço; para aqueles que trabalham em dias não úteis, o parque é local de trabalho e sustento da família.

CONCLUSÕES

A análise apresentada buscou enfatizar as formas de uso e apropriação do Parque Flamboyant. Embora a pesquisa ainda esteja em andamento, as reflexões já realizadas permitem assumir alguns posicionamentos preliminares. O primeiro deles é que o parque não pode ser compreendido apenas como uma amenidade urbana voltada ao lazer dos moradores do seu entorno imediato.

Apesar da apropriação privada promovida pelo capital imobiliário — que instrumentaliza o parque como

estratégia de valorização fundiária —, o espaço não se resume a um uso privatizado ou excludente. Sua inserção urbana e suas qualidades de acessibilidade e fruição o colocam como um equipamento de abrangência territorial ampliada, que atrai pessoas de diferentes origens, rendas e faixas etárias.

O parque, portanto, materializa uma realidade urbana complexa: ao mesmo tempo em que é alvo de estratégias de mercantilização, também se configura como espaço público de recreação e convivência, apropriado cotidianamente por diferentes sujeitos. Por meio dessas vivências, inscrevem-se novos sentidos e usos que desafiam a lógica da dominação privada, reatualizando o espaço como obra coletiva.

REFERÊNCIAS

ACHCAR, Edy Lamar W. da Silva. **Urbanização corporativa em Goiânia**: empreendimentos Louza. 2008, 136f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial) Universidade Católica de Goiás, Goiânia 2008.

ANDRADE, José Vicente de. **Lazer**: princípios, tipos e formas na vida e no trabalho. Belo Horizonte: Autêntica, 2001

AMMA - Agência Municipal do Meio Ambiente. **Plano de Manejo Parque Flamboyant**, Goiânia, 2007.

BORGES, Elcileni de Melo. **Habitação e Metrôpole**: transformações recentes na dinâmica urbana de Goiânia. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), Universidade Federal de Goiás.

CAVALCANTI, Lana de Souza; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de Moraes (Org.). **A cidade seus lugares**. Goiânia: Ed. Vieira, 2011.

CORRÊA, Roberto. Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: editora Ática, 1989.

DINIZ, Márcio. **Pesquisa aponta as cidades mais ‘mal-educadas’ do Brasil**. Catraca Livre. Disponível em <https://catracalivre.com.br/viagem-livre/pesquisa-aponta-as-cidades-mais-mal-educadas-do-brasil-veja-lista/>. Acesso em abril de 2025.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

LAUTERT, Alice Rodrigues. PIPPI. Luis Guilherme Aita. **Mapeamento comportamental em três parques de bairro de Santa Maria, RS**. 7º Congresso Internacional de Arquitetura da Paisagem. Sessão temática 02: Dimensão humana do projeto, do planejamento e da gestão da paisagem. Categoria: artigo acadêmico científico.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Traducción de Ariel Agenjo. 2. ed. Madrid: Capitán Swing, 2013.



LIMA, Cristiane. Festas em parques caem no gosto do goianiense. *O Popular*, Goiânia, 7 abr. 2022. Disponível em: <https://opopular.com.br/cidades/festas-em-parques-caem-no-gosto-do-goianiense-1.2322743>. Acesso em: 24 abr. 2025.

OLIVEIRA, Maria das Mercêdes Brandão de Oliveira. O lugar na praça: uso e apropriação de praças goianienses. In: CAVALCANTI, La32na de Souza; PAULA Flávia Maria de Assis Paula. **A cidade e seus lugares**. Goiânia: Ed. Vieira, 2007. p 175-201.

PERES, Maria de Lourdes Corsino; BARBOSA, Ycarim Melgaço. **O imaginário a reprodução da natureza no espaço urbano**: Parques Vaca Brava e Flamboyant. *Contemporânea*, v 8, n 1, 201 O

PRADO, Douglas Antônio Rocha Prado. **Parque Municipal Flamboyant**: apropriação e usos para lazer. Programa de pós-graduação em Geografia. Instituto de Estudos Socioambientais. Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2012.

PROJETO. Implantação do Parque Municipal Flamboyant Lourival Louza. In: CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA, ARQUITETURA E AGRONOMIA DE GOIÁS (Org.) **Prêmio CREA Goiás de Meio Ambiente 2007**: compêndios dos trabalhos premiados. Goiânia: América, 008 p 56-91

ROSA, Alda M A. Torreal. Dinâmica do Setor Jardim Goiás no olhar dos sujeitos. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; PAULA Flávia Maria de Assis Paula. **A cidade e seus lugares**. Goiânia: Ed. Vieira, 2007. p 215-238.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. A insurreição do uso. In: MARTINS, José de Souza (org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996, p.71-86.

SMOLKA, Martim Oscar. O capital incorporador e seus movimentos de valorização. **Cadernos IPPUR/UFRJ**, Rio de Janeiro, V. 2, N. 1, P. 41-78, jan/abr. 1987